

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

### **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**

H. MARSHALL MAC LUHAN, Editôra Cultrix, 1969, 407 páginas.

Ingressamos na época eletrônica, que sucede à literatura tipográfica; à *explosão* sucede a *implosão*; a era eletrônica significa o fim da cultura visual, da divisão técnica, do individualismo e do nacionalismo, e reintroduz a comunicação instantânea e a religião tribal das culturas orais que precederam à tipografia. É esta a tese central da obra de MAC LUHAN que aqui focalizamos.

MAC LUHAN escreve uma história das civilizações a partir, não da história das técnicas de produção, mas das técnicas de comunicação ordenadas tipologicamente — os *hot* e os *cool media* — articulando três fases históricas: culturas tribais (*cool*), literárias (*hot*) e a época eletrônica (*cool*), isso com base na teoria da significação resumida — *o veículo é a mensagem*.

A socioculturologia norte-americana fornece grandes esquemas explicativos, segundo os quais tôdas as civilizações chegarão ao estágio *atual* da norte-americana, que aparece como *modêlo*. PITIRIM SOROKIN, TOYNBEE e RIESMAN aparecem como profetas *nominalistas* do pensamento categórico, onde os *mass media* funcionam paralelamente às grandes categorias morais, econômicas e culturais dos sistemas clássicos, *unidos* a uma observação *pragmática* sólida, aliados a um *impressionismo* cultural.

O que é a fase literária? Manipulada pelos caracteres de GUTENBERG, a tecnologia tipográfica é fundada sobre o alfabeto fonético e a visualização. Racionalizando tôdas as técnicas de comunicação conforme os princípios de continuidade, uniformidade e repetição, ela revolucionou a organização tribal e as estruturas orais da comunicação. *Meio* fundamental onde aparece a verdadeira *mensagem* do Ocidente, êsse modelo influi na produção, no mercado, na ciência, na educação, na organização urbana e na cultura. Através da leitura e da escrita, mediatizadas tènicamente, essa revolução atinge o Terceiro Mundo, iniciando o processo de standardização que leva à organização visual do tempo e do espaço.

O modelo absoluto dessa fase — na qual o veículo principal é o discurso *literário* materializado no espaço pela técnica — é o *livro impresso*, sucessão homogênea de letras alinhadas em páginas, volumes, coleções, bibliotecas, arquivos, com a fantasia de uma organização literária suscetível de *leitura* total. Tôdas as estruturas feudais e tribais são abaladas. “A substituição, junto ao homem, da palavra pelo visual, do ouvido pela vista, através da tecnologia do livro, é a exploração mais radical que pode abalar uma estrutura social” (p. 49). Ainda sentimos as conseqüências dessa revolução, mas, hoje em dia, com a eletrônica, manejamos o processo de uma segunda revolução pós-GUTENBERG.

Enquanto os meios anteriores a GUTENBERG eram uma extensão mecânica e visual do corpo do homem ou de sua produção, a eletricidade e a eletrônica aparecem como extensões do sistema nervoso central. Enquanto os esquemas tradicionais que surgem do *literário* implicam mecanização, especialização, causalidade dedutiva e divisão técnica do trabalho, a grande *organização* centralizada, através da comunicação eletrônica não visual, instantânea, muda o quadro de referência do homem. A própria causalidade passa *da conexão linear à configuração*, criando sua própria noção de tempo e espaço. As energias *implosivas* se chocam com os padrões de opção tradicionais. Ação e reação são superadas pelo mecanismo do *feedback*. “Diálogo entre o mecânico e o meio, o *feedback* assinala o fim da linearidade introduzida no mundo ocidental pelo alfabeto e pelas formas contínuas do espaço euclideo” (p. 354).

Paradoxalmente, com êsse manancial fluido e ilimitado, nossa civilização se acha além da época literária e é caracterizada pelos esquemas de participação interna que incluem as culturas orais e tribais. A automação, o telégrafo e a TV, longe de serem uma extensão dos princípios mecânicos de divisão, sucessão e exclusão, são o signo de uma unificação do planêta pela comunicação instantânea e generalizada. Os satélites e a eletrônica ligam todo o planêta, além do reino da *urbs* — fenômeno típico da época literária — às estruturas orgânicas de cidade que institucionalizam as funções humanas na base de uma participação intensa e fracamente estruturada — forma típica de estabilidade que nos leva a um mundo autístico, mosaico econômico de *implosão* e de *equilíbrio*. Entramos nesse nôvo universo de configuração táctil, inaugurado pela eletrônica; os habitantes do Terceiro Mundo deixam sua cultura *oral* e *táctil*, para penetrar nesse universo.

Contrariamente a muitos estudiosos de comunicação de massa europeus, cujo profetismo é lento, a especulação de MAC LUHAN é otimista. A sombria visão narcísica do *mass media*, como auto-amputação metafórica do homem, transfigura-se, nêle, numa imensa cirurgia coletiva do mundo pela eletrônica.

No fundo, MAC LUHAN faz um repertório de grandes verdades enunciadas num léxico barroco. Isso transparece na distinção que estabelece entre *hot* — os *media* que levam muita informação e requerem menos participação empática — e *cool*, os que proporcionam baixo nível de informação, exigindo que a população entre no seu jôgo e os viva mais diretamente.

Tôdas as culturas tribais, pré-literárias, foram uma época de comunicações *cool*, expressas por cultura oral, ritos, danças e gestos simbólicos. Tôda literatura, o livro, a ciência, são *hot* porque se fundamentam na distância, na não-participação.

O livro é *hot*, mas também o rádio e o cinema, que é menos paradoxal, são para MAC LUHAN prolongamentos do livro na época eletrônica. Com a TV, o desenho animado, a publicidade e a história em quadrinhos, entramos numa nova era *cool*.

De que tipo de participação se trata? Investimento efetivo, empatia, fascinação passiva (TV)? Ou participação ativa, intelectual, contem-

plativa (o livro, a obra de arte)? Certas produções *pop art* são vistas com mais curiosidade do que as de pintores como VERMEER, PICASSO, etc. Mas o que isso representa? O que é a curiosidade?

Chegamos ao paradoxo mais interessante da obra: *o veículo é a mensagem*. Fórmulas como esta possuem uma virtude reducionista não negligenciável. Através de sua tese sobre a fase literária, MAC LUHAN entende que o veículo *livro*, e também os atuais meios de comunicação de massa, transformaram nossa civilização, não pelo conteúdo, mas pela coerção fundamental da sistematização exercida pela sua essência técnica. O livro é, antes de mais nada, um objeto técnico mais persuasivo do que qualquer símbolo ou informação que veicule.

É evidente que o conteúdo nos esconde, a maior parte do tempo, a função real do veículo. *Este se constitui como mensagem, a mensagem real*, cujo aspecto aparente constitui uma conotação; trata-se de mudança estrutural de escalas, modelos e hábitos, operada em profundidade nas relações humanas pelo próprio veículo. Podemos dizer simplesmente que a *mensagem* da estrada de ferro não é o carvão nem os viajantes que ela transporta; é, sim, uma visão do mundo, um novo *status* das concentrações demográficas. A *mensagem* da TV não são as imagens que transmite; são os *modos novos de relação e de percepção* que a TV impõe e que mudam as estruturas tradicionais da família.

Na TV não é consumido tal ou qual espetáculo, mas a virtualidade da sucessão de todos os espetáculos possíveis. O *veículo-TV* tem como resultado neutralizar o aspecto vivido, único. Transmite uma *mensagem* descontínua, com signos justapostos a outros signos, na dimensão abstrata da emissão.

Cada *mensagem* possui um caráter transitivo para outra *mensagem* e não em direção ao mundo real. Assim, um veículo chama outros: o cinema a literatura e esta a linguagem. A foto atrai a pintura, mas esta hoje inclui a fotografia. A TV é um objetivo-veículo específico — mas transmite mensagens que podem enunciar outros objetos.

O filme mudo clama pelo som, dizia EISENSTEIN. O preto-e-branco grita pela cor. Todos os objetos gritam pelo automatismo. Há um processo que podíamos designar como inércia tecnológica.

O aperfeiçoamento técnico do veículo vai de encontro a uma mensagem objetiva, de informação real, de sentido: *mensagem de consumo, sensacionalismo, autonomização, valorização da informação enquanto mercadoria, exaltação do conteúdo enquanto signo*; nesse sentido, a publicidade é o veículo contemporâneo por excelência.

O veículo é a mensagem, é a forma *alienatória* da sociedade tecnológica ao nível da pessoa, *dirigida para outros* (*other-directed*: RIESMAN).

Se aceitamos com G. FRIEDMAN que a mensagem coloca um homem ante outro, admite-se que não há jamais ditadura cultural da mensagem; posteriores pesquisas deverão estabelecer, de maneira mais precisa, as *relações* que os homens estabelecem entre si e as condições de produção dos veículos e a *correlação* com as estruturas de poder — que dominam pela manipulação; êstes são problemas que MAC LUHAN não aborda.

MAC LUHAN postula uma visão otimista baseada num nôvo tipo de idealismo, o tecnológico, que considera como anacrônicos os problemas das mudanças socioculturais, a burocratização, o etnocentrismo, os preconceitos raciais, sociais e estamentais que são *negados* psicanaliticamente nessa era de comunicação e participação aceleradas.

Se os veículos são extensões do sistema nervoso central, os grupos, ao mesmo tempo que investem suas possibilidades ilimitadas de informação, suas estruturas de dependência, suas fantasias regressivas constituem-se, em sua obra, num *travelling* mitológico sôbre as culturas e seu destino possível.

MAURÍCIO TRAGTENBERG

O Instituto de Organização Racional do Trabalho da Guanabara, abreviadamente IDORT — GB, é uma sociedade civil de carácter científico, sem intuito de lucro, constituída de pessoas físicas e jurídicas que se interessam pelos problemas de racionalização do trabalho. O IDORT — GB tem sua sede à Praia de Botafogo 186.